

MV, CP 1449, 01415 SB.

Meu caro Milton: grato por tua carta de 6/6 sobre a sociedade informatizada. Primeiro permita que elimine mal-entendido: voce parece crer que eu estou aderindo a tal futuro com entusiasmo. Mas eu vejo tao bem quanto voce o tédio que a informatizacao implicara, a tal ponto que minha contribuicao para o simposio sobre "informacao e cultura" tratara precisamente dos "intervalos" da computacao, isto e do tempo morto. No capitulo "nosso encolhimento" do livro "Pos-historia" ja aludi a tal aspecto tedioso da pequenez, e no ultimo capitulo cantei o louvor da solidao face a estupidez generalizada que estou prevendo. Se as ultimas palavras da minha carta de 14/5 de comoverem, (coisa que te agradeço), voce encontraraos mesmos pensamentos, um pouco desenvolvidos, no ultimo capitulo mencionado.

No entanto, voce tem razao: nosso approach do problema e de fato diferente. Nao apenas porque voce vivencia a computarizacao e a passagem dos textos para as projecoes de forma diferente da minha. Para voce, o problema era originalmente tecnico, e para mim era cultural em sentido amplo. Mas a verdadeira diferenca entre nos e que voce nao vivencia, como eu o faco, a tal "desvalorizacao dos objetos", das obras. Permita que fale um pouco sobre isto:

O valor do objeto esta na informacao que nela está contida indelevelmente. Sapato e couro informado, (forma pouco provavel de pele de vaca), e tem valor ate que que tal informacao seja eliminada do sapato pelo uso. Por isto o sapato e "obra": um "artista", (sapateiro, engenheiro de fabrica de sapato, designer industrial etc.), imprimiu a informacao direta- ou indiretamente sobre o couro. E e tal "artista" ("grande homem"), que voce esta admirando. No momento em que posso guardar a tal informacao "sapato" na memoria de um instrumento inteligente, o "grande homem" nao tem mais vez, porque o programa do instrumento inteligente foi elaborado por equipe de analistas de sistemas, (talvez ate por inteligencia artificial, esta programada por analistas de sistemas). E isto te parece indignidade. Exemplo: tua caneta BIC. Nao concordo contigo neste ponto.

O objeto com informacao indelevelmente impressa e um "original", uma "obra", seja artistica, artesanal, industrial ou intelectual. O objeto sem valor, (com informacao transferivel de superficie para superficie, como no caso da fotografia, do filme, ou da caneta BIC), e estereotipo, nao e "obra". Mas o valor se transferiu para a informacao mesma, para o "prototipo". Embora a fita video nao tenha praticamente valor, (se comparada com pintura ou escultura), existe valor, e este esta no "programa". Talvez nao mais haja "grandes homens", (aquilo que voce chama "os melhores"). Mas ha, em compensacao, o jogo livre com dados, com simbolos, com bits, e tal jogo e o que outrora se chamava de "filosofia". Pois isto e a tal dialectica interna do pequeno: que sua programacao, (o jogo com uma infinidade de dados pequenissimos), e gigantesca. Na minha terminologia: o pensamento historicista, dramatico, progressista, vai cedendo lugar ao pensamento calculador, diferenciador, integrador, infinitesimal, em suma: a critica vai cedendo lugar a analise e a sintese, em suma a filosofia. Vejo, tanto quanto voce, os perigos de tal transferencia do valor a partir do objeto sobre o simbolo, mas como sou dedicado aos simbolos, (ao escrever textos), isto nao me aborrece a priori.

Abraços.